

Federação do Comércio de Bens, Serviços e
Turismo de Santa Catarina

ICF

Intenção de Consumo das Famílias

Núcleo de Estudos Estratégicos Fecomércio SC
Julho de 2022

SUMÁRIO

SUMÁRIO EXECUTIVO	2
MOMENTO ATUAL: EMPREGO E RENDA.....	6
CONDIÇÕES DE CONSUMO: ACESSO AO CRÉDITO, MOMENTO PARA DURÁVEIS E CONSUMO	10
PERSPECTIVAS: PROFISSIONAL E CONSUMO	17
METODOLOGIA.....	21

SUMÁRIO EXECUTIVO

A Intenção de Consumo das Famílias Catarinenses (ICF) acelera a trajetória de crescimento ao avançar 7,22% na passagem do mês, quarta alta consecutiva. Ainda que os resultados positivos sejam predominantes durante o ano de 2022, somente março teve queda, a satisfação das famílias está em níveis extremamente baixos, ao situar-se em 58,6 pontos, consolidando dois anos e três meses sucessivos nesse patamar. Além disso, o nível de consumo segue inferior ao período pré-crise, queda de 47,7% frente a fevereiro de 2020.

Em Julho, todos os indicadores que compõem o ICF avançaram diante do mês anterior, condição que não acontecia desde fevereiro de 2019. Por outro lado, observa-se que nenhum componente do ICF recuperou as perdas ocasionadas pela pandemia até o presente momento.

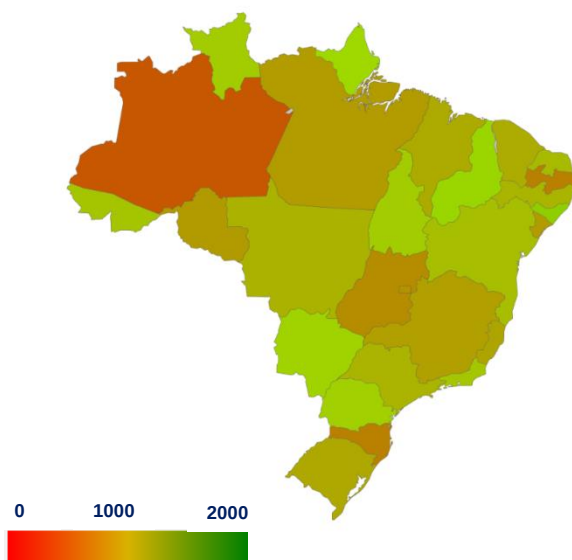
O desempenho positivo do mês foi impulsionado pelo nível de consumo atual, que avançou 31,85% na passagem do mês, mantendo a trajetória de recuperação que foi iniciada em fevereiro deste ano. Ainda, as expectativas de médio prazo de consumo e profissional também ampliaram o ritmo de crescimento em julho, alta de 12,65% e 10,93%, respectivamente. Assim, nota-se que os consumidores catarinenses estão mais seguros quanto aos próximos meses e indicando ampliação do consumo.

Intenção de Consumo das famílias catarinenses acelera movimento de alta no início do segundo semestre

O indicador ficou em 58,6 pontos numa escala de 0 a 200

Santa Catarina							
Indicadores	fev/20	jul/21	jun/22	jul/22	Variação mensal	Variação anual - Igual período	Variação - Fev.2020 (pré-pandemia)
Emprego Atual	123,5	59,7	62,8	65,2	3,86%	9,32%	-47,2%
Perspectiva Profissional	143,2	90,0	76,0	84,3	10,93%	-6,32%	-41,2%
Renda Atual	121,3	55,4	78,9	81,1	2,80%	46,45%	-33,1%
Acesso ao Crédito	110,0	54,8	63,0	67,0	6,21%	22,14%	-39,1%
Nível de Consumo Atual	92,2	16,0	9,6	12,6	31,85%	-21,05%	-86,3%
Perspectiva de consumo	111,1	48,4	53,3	60,0	12,65%	24,11%	-46,0%
Momento para duráveis	83,2	50,3	39,1	40,1	2,61%	-20,23%	-51,8%
ICF	112,1	53,5	54,7	58,6	7,22%	9,57%	-47,7%

Índice do ICF por Estado – Julho de 2022



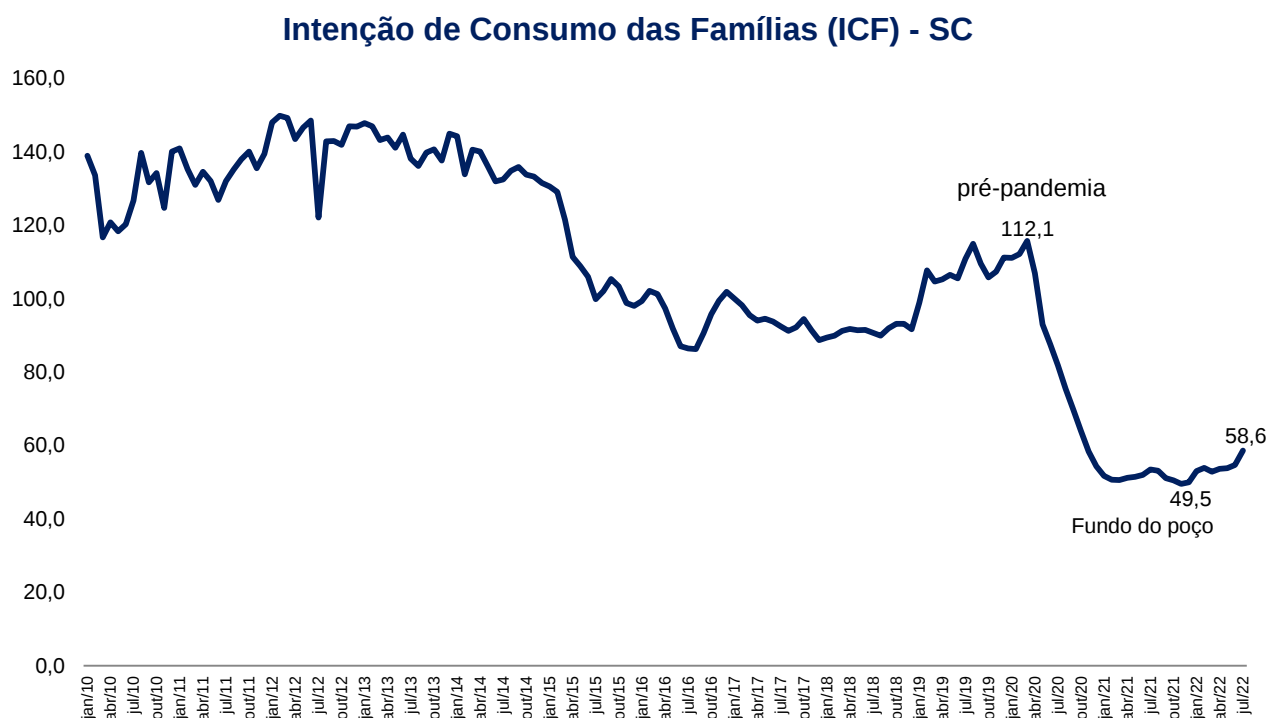
A Intenção de Consumo das Famílias (ICF) catarinenses começa o segundo semestre de 2022 acelerando a trajetória de recuperação, ao avançar 7,2% na passagem do mês, após alta de 1,7% em junho. Esse foi o maior resultado registrado na comparação mês a mês desde o início da crise da pandemia no Estado, em fevereiro de 2020. Ainda, o crescimento também é o maior já registrado no mês de julho na comparação com igual período dos anos anteriores. O ciclo de recuperação atinge o

quarto mês seguido, sendo que nos sete meses do ano corrente, a taxa positiva foi predominante em seis períodos, somente em março houve retração, por isso, a variação mensal média da intenção de consumo foi de 2,3%. Esse resultado é oposto ao mesmo período do ano anterior, quando a média mensal do semestre ficou em -0,18%, condição que reforça a retomada.

A tendência de recuperação observada em Santa Catarina ocorreu em outras 18 unidades da federação, por isso, o nível otimista avança no país.

Apesar disso, a maioria dos Estados seguem apontando que as famílias estão em patamar pessimista, pois, somente dos Alagoas (108,5 pontos) e Piauí (101,2 pontos), estão com índice acima dos 100 pontos.

Mesmo que Santa Catarina apresenta trajetória de recuperação, a intenção permanece em nível pessimista ao situar-se em 58,6 pontos. Com esse resultado, as famílias mantêm o ciclo de patamar negativo em termos absolutos por dois anos e três meses consecutivos, o maior movimento negativo desde o início da série histórica em janeiro de 2010, superando o ciclo que ocorreu entre fevereiro de 2017 e janeiro de 2019. Além disso, o panorama atual é mais grave, pois as perdas são mais acentuadas, naquele momento o índice mínimo foi de 88,7 pontos, já nesta fase, o índice atingiu 49,5 pontos em novembro de 2021. Assim, a deterioração do consumo durante a crise segue elevado e o índice está 47,7% abaixo do período pré-crise de saúde pública.



No comparativo anual, houve alta de 9,57%, depois de avançar 5,2% em junho do ano corrente. A trajetória positiva alcança o sétimo mês consecutivo, tendência que foi iniciada em janeiro, quando o índice reverteu o movimento

negativo que ocorria desde maio de 2020, ou seja, foram vinte meses sucessivas quedas. Esse resultado fortalece o sinal de recuperação das famílias diante de um contexto epidemiológico mais estável comparado a 2021 e 2020.

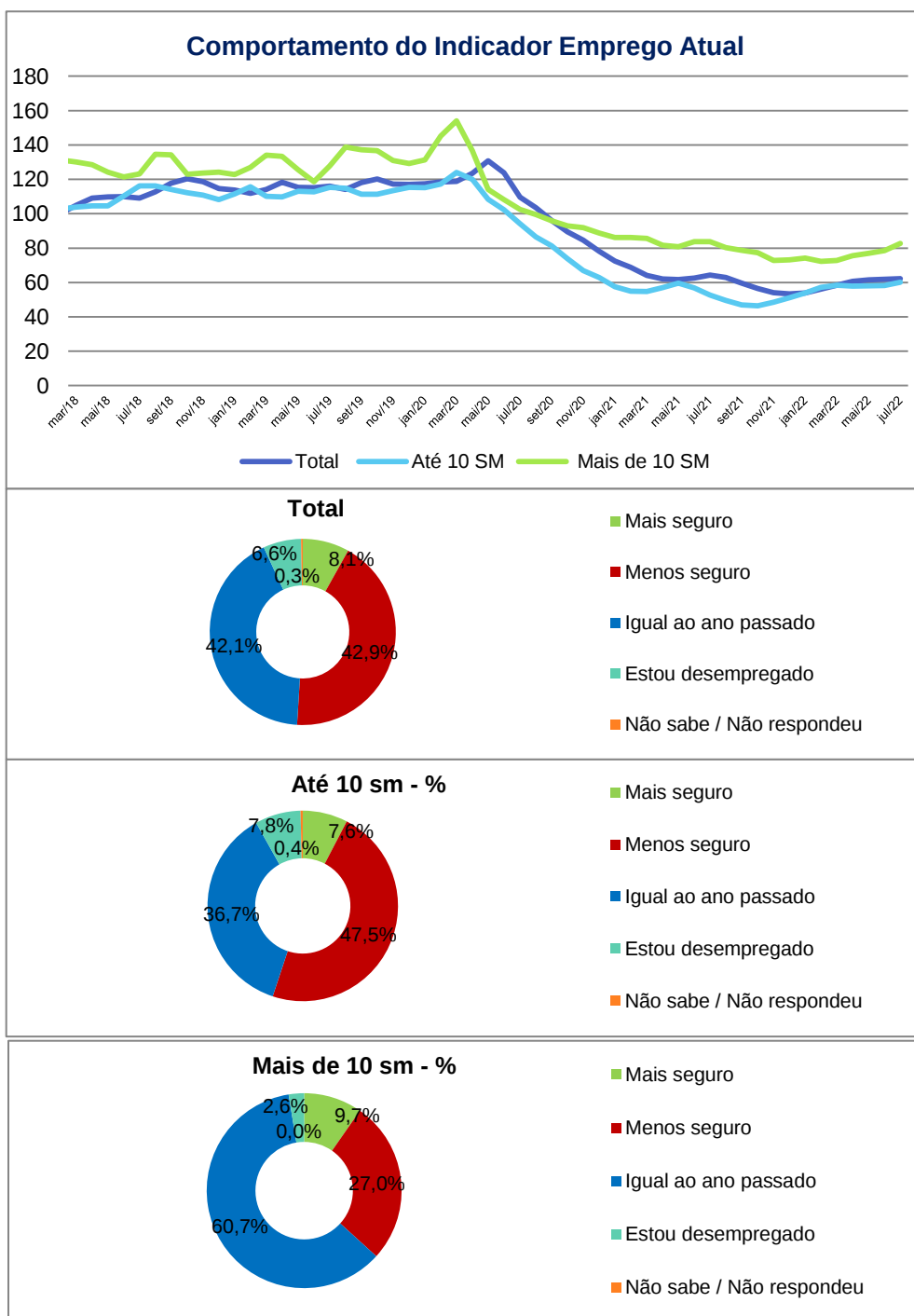
Em Julho, todos os indicadores que compõem o ICF avançaram diante do mês anterior, condição que não acontecia desde fevereiro de 2019. O resultado positivo foi impulsionado pelo nível de consumo atual e as perspectivas de consumo futuro, alta de 31,85% e 12,65%, respectivamente. Por outro lado, observa-se que nenhum componente do ICF recuperou as perdas ocasionadas pela pandemia até o presente momento.

A pesquisa de Intenção de Consumo das Famílias permite avaliar tanto a situação atual quanto às expectativas e perspectivas dos principais aspectos relacionados ao consumo no estado de Santa Catarina, também é possível analisar os dados conforme recorte de faixa de renda familiar menor ou maior que 10 salários mínimos (SM).

MOMENTO ATUAL: EMPREGO E RENDA

A expectativa das famílias para o **Emprego Atual** acelerou o ritmo de recuperação ao crescer 3,9% diante do mês anterior, antes alta de 0,8%. O competente mantém trajetórias positivas desde outubro de 2021, quando atingiu o menor patamar da série histórica em termos absolutos (53,4 pontos), assim, registra nove meses seguidos de crescimento, com média 2,3% durante esse período. Ainda, nota-se que esse é o maior movimento de recuperação dentre os indicados do ICF.

Esse cenário está em linha com o mercado formal de emprego no Estado, que avançou fortemente em 2021 e recuperou grande



parte dos postos de trabalho, ao criar 167.854 novas vagas de emprego, o quinto melhor resultado em número absoluto dentre as unidades da federação.

Em 2022, o mercado de trabalho segue aquecido, ao criar 84.191 novos postos de trabalho no primeiro semestre do ano, impulsionado, principalmente, pelo setor de serviço (+43.395), que representou 51,5% do total de postos criados.

Ainda que o desempenho seja favorável, o índice está 47,2% abaixo do nível pré-crise (fevereiro de 2020), assim, as famílias estão mais inseguras neste mês no emprego atual do que no início da crise. Desta forma, a condição dos consumidores que persiste pessimista, ao situar-se em 65,2 pontos – valor considerado de sólido pessimismo numa escala que vai de 0 a 200. Ainda, o indicador completa 25 meses consecutivos em patamar negativo, o maior intervalo de insegurança e com perspectivas negativas quanto ao emprego atual desde o início da pesquisa, mesmo nas crises anteriores, as famílias apresentaram momentos otimistas quanto ao emprego.

Ao analisar o mesmo período do ano anterior, houve alta de 9,3%, cessando a trajetória negativa que durou por vinte e seis meses seguidos. A insegurança das famílias é notada pelas respostas dos entrevistados, onde 42,9% deles indicam estarem menos seguros na permanência do Emprego Atual e apenas 8,1% se sentem mais seguros no emprego. Em julho de 2020, primeiro período da crise da pandemia no Estado, 30,7% das famílias indicaram estar mais seguras no emprego atual, situação distinta da deste ano. Outro fator oposto é a quantidade de desemprego, naquele momento a pesquisa apontou 7,8%, enquanto que neste mês, foram 6,6%, resultado que reforça a melhora no mercado de trabalho.

Com relação às faixas de renda analisadas na pesquisa, a tendência acompanha o indicador principal quanto ao grau pessimista das famílias. O impacto do emprego no grau de satisfação parece ser mais sentido para as famílias com renda abaixo de 10 SM, que apontou no mês 60,2 pontos, aumento de 3,33% frente ao mês anterior, terceira alta seguida. Já para a faixa acima de 10 SM o índice é de 82,7 pontos, alta de 5,19% frente a junho, quinta alta consecutiva. Apesar de ambos estarem em patamar pessimista em termos

absolutos, a maioria das famílias com renda maior indicam condição equivalente ao ano passado (60,7%) para a permanência no emprego atual, enquanto 47,5% com renda menor afirmam estar menos seguros.

O indicador da **Renda Atual** interrompeu movimento negativo que durou por dois meses

seguidos, ao crescer 3,9% na passagem do mês.

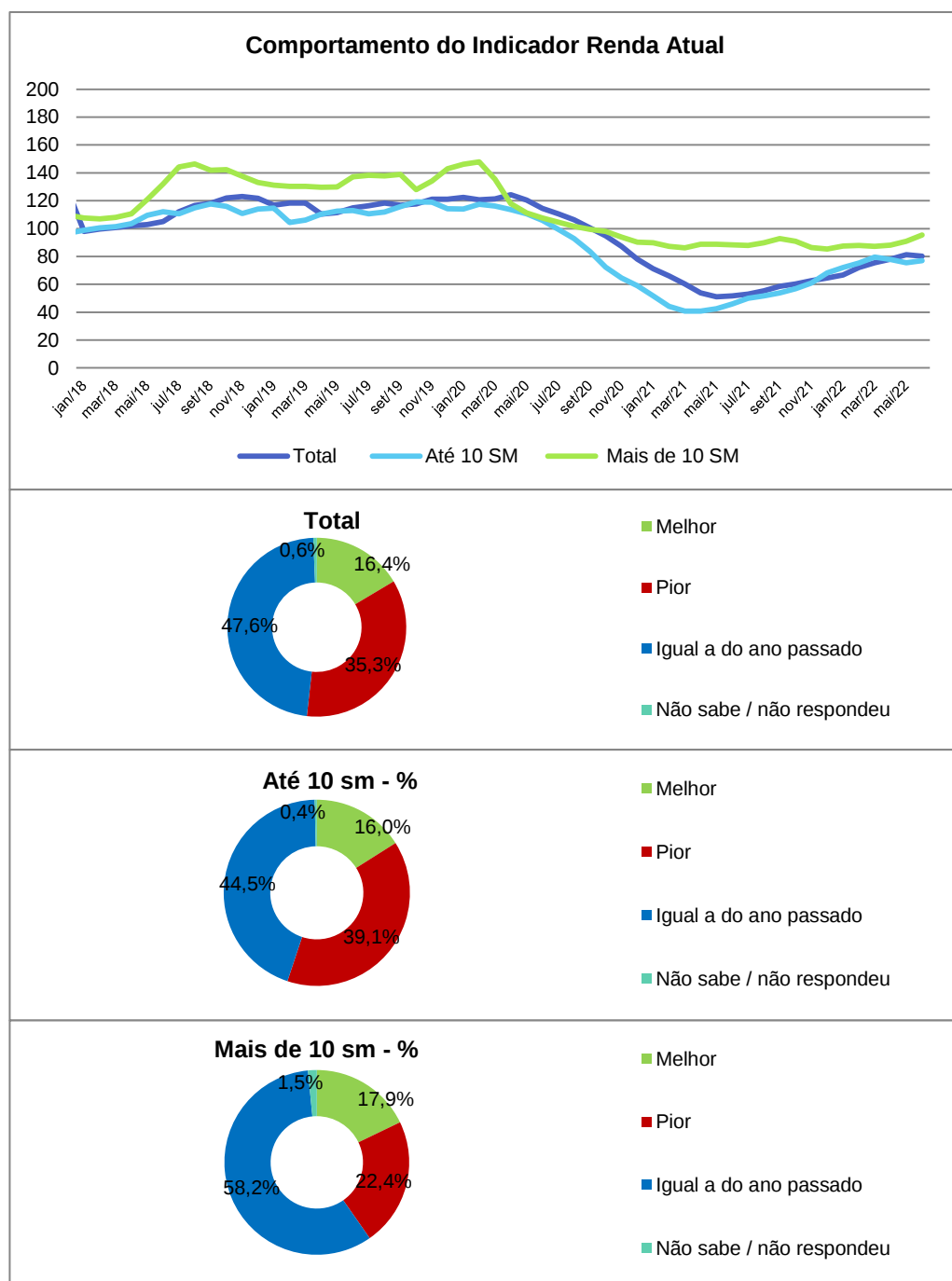
Embora estivesse em sequência de queda,

o componente

apresenta

predomínio de taxas positivas no ano de 2022, com cinco meses em crescimento.

Assim, a média de variação mensal neste ano é de 2,9%, a terceira maior média dentre os componentes do ICF. Devido a essa recuperação, o índice é o menos afetado pela crise



entre os demais componentes do ICF, ao estar 33,1% menor que em fevereiro de 2020.

O resultado positivo dos últimos meses não foi suficiente para reverter o nível de confiança, que segue pessimista, ao situar-se em 81,1 pontos. Na variação anual, a renda atual desacelerou o movimento ascendente ao avançar 46,5% frente a igual período de 2021. O forte resultado deve-se à base de comparação reduzida, naquele momento o índice foi quinto menor valor da série histórica da pesquisa.

Apesar da evolução no indicador, nota-se que o caminho para reverter as perdas da pandemia ainda é longo. São 35,3% dos entrevistados indicando estar com renda pior que no ano anterior, resultado muito superior ao registrado em igual período de 2020, naquele momento 24,8% das famílias afirmaram ter renda pior. Cenário equivalente para as famílias com renda melhor, onde 31,1% das famílias afirmaram essa condição em julho de 2020, no começo do segundo semestre de 2022 foi de apenas 16,4%.

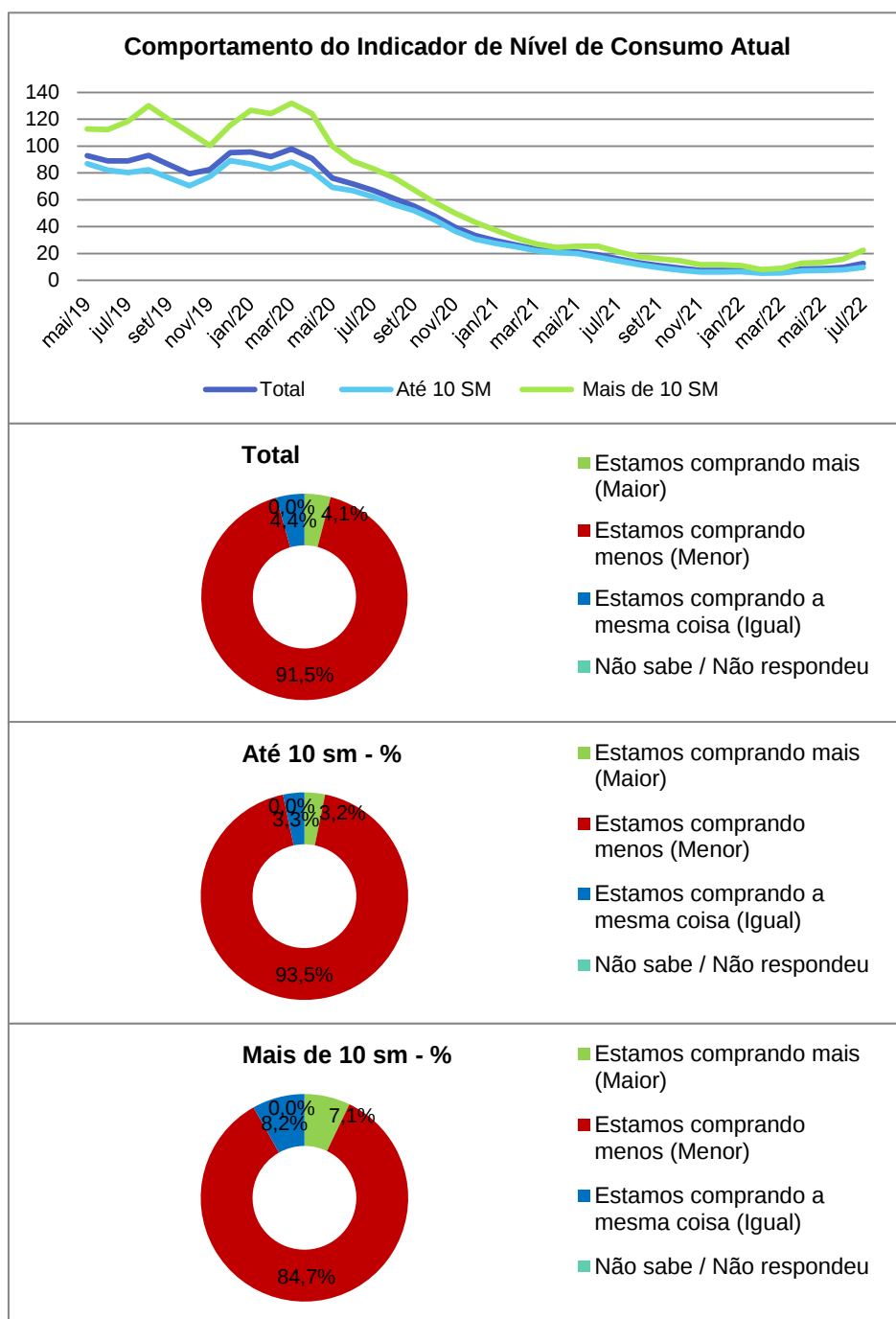
Ao analisar as faixas de renda, o impacto no indicador de renda atual é mais acentuado para as famílias com renda até 10 SM. Esse resultado é visível na manifestação de 22,4% das famílias com renda acima de 10 SM, que afirmam ter renda pior que no ano anterior, enquanto 39,1% das famílias com renda menor que 10 SM indicam essa situação. Ainda, o grupo com renda acima de 10 SM apresenta trajetórias de recuperação ao crescer por três meses seguidos, alta de 5,06% diante do mês anterior. Por outro lado, a renda atual para o grupo com menor renda, voltou a crescer (2,0%), após queda 3,18% no mês anterior.

CONDIÇÕES DE CONSUMO: ACESSO AO CRÉDITO, MOMENTO PARA DURÁVEIS E CONSUMO

O indicador do **nível de consumo atual** está em trajetória de recuperação desde fevereiro deste ano, período que atingiu o menor nível da série histórica (5,9 pontos). Em julho de 2022, o índice acelerou o ritmo de crescimento, ao avançar 31,8% diante do mês anterior, após alta de 9,8% em junho. O resultado deste mês foi o maior na comparação com igual período dos anos anteriores na variação mês a mês.

Nota-se que durante o ano de 2022, a taxa positiva foi predominante em cinco meses, somente em janeiro e fevereiro houve retração, por isso, a variação mensal

média do nível de consumo foi de 9,2%, a maior taxa dentre os componentes do ICF. Esse desempenho diverge do movimento que ocorreu no mesmo período



do ano anterior, quando houve o predomínio de taxas negativas entre janeiro e julho, ficando a média mensal em -9,9%.

Ainda, essa trajetória de alta é a maior desde abril de 2020, quando o componente começou o ciclo de quedas que durou por 20 meses seguidos. Apesar disso, o ritmo de crescimento é insuficiente para reverter os impactos negativos, assim, o índice está 83,3% abaixo de fevereiro de 2020 (pré-pandemia) e 21,05% menor que o mesmo mês do ano anterior. Diante disso, o consumo atual segue em nível pessimista ao situar-se em 12,6 pontos.

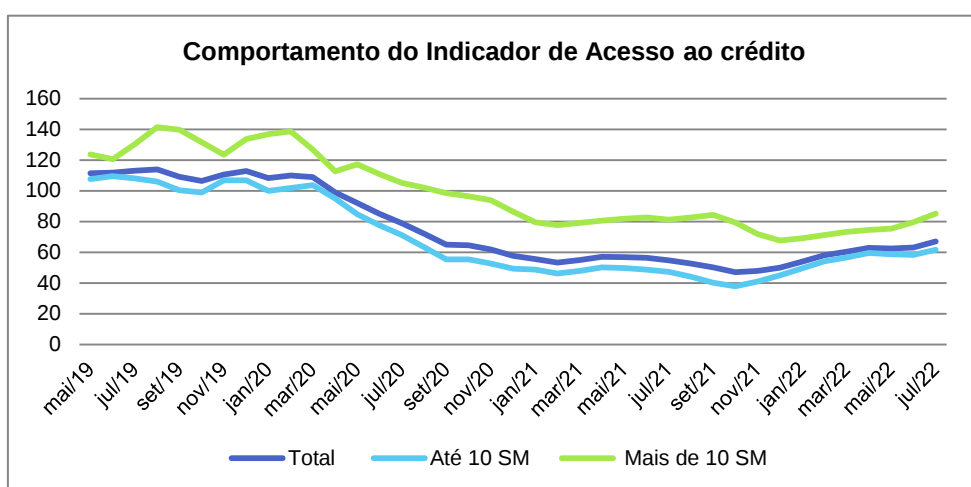
No ano passado, o índice sofreu forte deterioração, com média mensal negativa de 11,5%, assim, renovou a mínima histórica por quatorze meses consecutivos, o maior ciclo entre os indicadores do ICF na história da pesquisa. Importante notar que o índice já estava em patamares negativos, mesmo antes da pandemia, e sofre efeitos desde a crise de 2015 e 2016, não recuperando a confiança otimista desde fevereiro de 2015. Mas o ciclo da pandemia é mais crítico por estar marcado por mínimas históricas da série.

O impacto da pandemia sobre o nível de consumo ocorreu de maneira bastante similar para as duas faixas de renda analisadas, além disso, também estão em valores considerados muito baixos neste mês em termos absolutos, alcançando 9,7 pontos na menor renda e 22,4 pontos na maior. Em julho, ambas as faixas de renda apresentaram elevação frente ao mês anterior, alta de 25,9% na menor e 41,9% na maior faixa de renda, movimento positivo que ocorre desde fevereiro.

A deterioração do consumo atual também é visível nas respostas dos consumidores. A pesquisa aponta que 91,5% dos consumidores relatam estarem comprando menos do que antes e, somente, 4,1% afirmam estarem comprando mais que antes. Valores opostos na comparação igual período do ano de 2020, onde 49,7% das famílias indicavam estarem comprando menos do que antes e 16,6% comprando mais.

Com relação às faixas de renda, esse cenário é semelhante para ambos os grupos, mas com mais impacto ao grupo de menor renda. São 84,7% dos entrevistados com renda acima de 10 SM relatam estarem comprando menos que antes e 93,5% para famílias com renda abaixo de 10 SM também indicam esta condição. A queda no consumo está relacionada aos impactos inflacionários, que corrói o poder de compra dos consumidores.

O componente de **Acesso ao Crédito** cresceu pelo segundo mês seguido, alta de 6,2% frente ao mês anterior. Entre janeiro e julho de 2022, o índice apresentou em todos os meses resultados positivos, exceto no mês de maio, por isso o índice



é o segundo com melhor desempenho na média mensal de variação, com crescimento médio de 4,3%. No comparativo anual, acelerou a trajetória de crescimento com alta de 21,1%, após avançar 11,7% em junho, essa é a sexta elevação consecutiva.

Entretanto, o resultado é insuficiente para reverter as perdas da pandemia, por isso o índice está 39,1% abaixo do patamar pré-crise. Além disso, a confiança das famílias permanece em nível pessimista ao situar-se em 67,0 pontos.

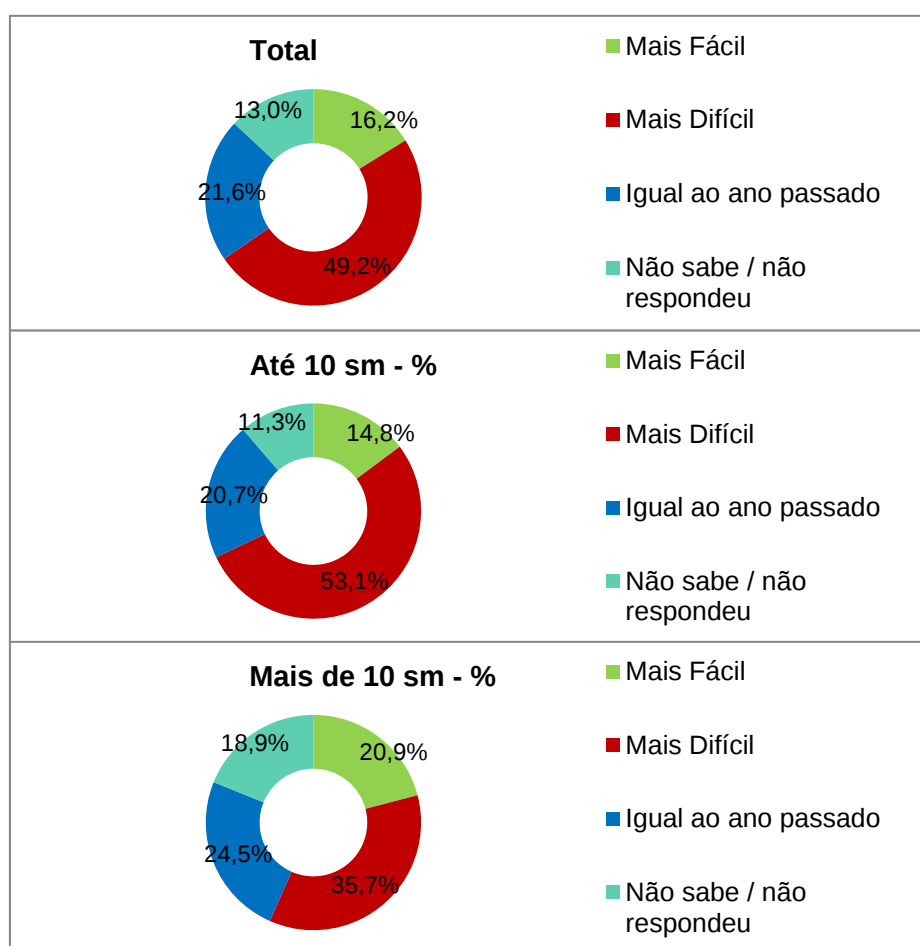
O cenário de dificuldades do crédito está atrelado em parte ao aumento na taxa SELIC que ocorre desde março de 2021, e resultou na elevação da taxa de 2,0% (mínima histórica) para 13,75% ao ano. Ainda que a elevação das taxas de juros sugira maior restrição ao crédito, o avanço nesse indicador pode estar ligado à ampliação da liquidez no sistema financeiro para novos empréstimos e

financiamentos, medida econômica realizada no início da pandemia, mas que ainda persiste.

Além disso, as famílias catarinenses estão apresentando certo equilíbrio orçamentário, resultado apresentado na pesquisa da federação que mensura endividamento e inadimplência. Em julho, a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência das Famílias Catarinenses (PEIC) apontou que 5,1% das famílias endividadas se encontram na categoria de “muito endividadas”. O resultado é similar aos anos de 2020 e 2021, mas há queda frente aos períodos antes da pandemia, quando o índice estava em 10,6% em 2018 e 9,2% em 2019 para igual mês. Assim, nota-se que o grau de endividamento não é elevado, diminuindo o risco de inadimplência. Esses fatores impulsionaram a probabilidade de acessar o crédito ou realizar compras de bens e serviços de forma parcelada.

A proporção das famílias que acreditam que comprar a prazo está mais difícil atingiu 49,2% dos entrevistados no mês de julho de 2022, enquanto 16,2% acreditam que seja

mais fácil o acesso ao crédito. Na comparação com o grupo de renda, a tendência de crescimento é mais intensa para o grupo de maior renda (+5,6%),

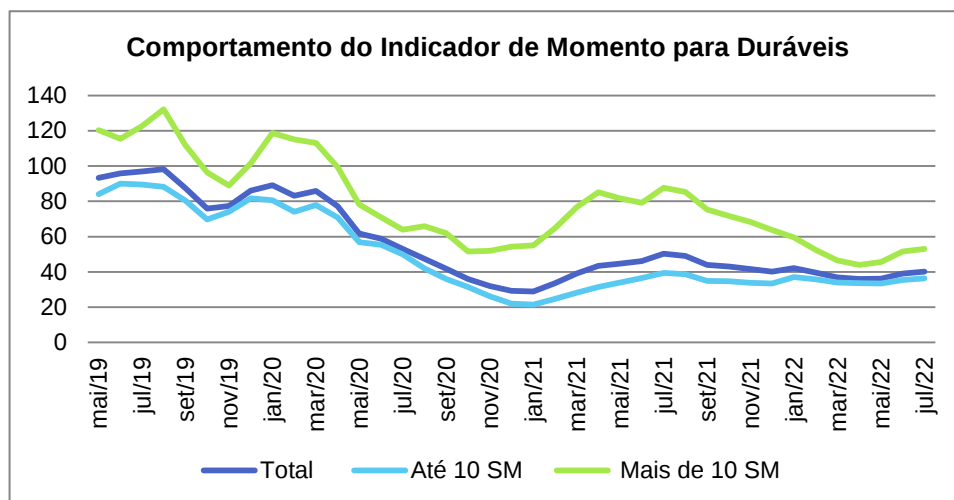


inclusive, mantém trajetórias de crescimento por sete meses consecutivos. A proporção de entrevistados com renda maior que acredita que o acesso ao crédito está mais fácil foi de 20,9%, enquanto 35,7% acreditam que está mais difícil.

Já o grupo de menor renda voltou a crescer na passagem do mês, crescimento de 5,9%, após dois meses seguidos de queda. Ainda que o resultado seja positivo, as respostas dos entrevistados confirmam a maior dificuldade das famílias com renda menor em buscar crédito no mercado, são 49,2% deles indicando dificuldade no acesso e 16,2% considerando o acesso mais fácil. Em nível de pontos, ambos seguem apontando patamares pessimistas, 85,2 pontos e 61,7 pontos, respectivamente.

O **momento para duráveis** é o componente com maior oscilação durante o ano de 2022, variando com quatro taxas positivas e outras três negativas.

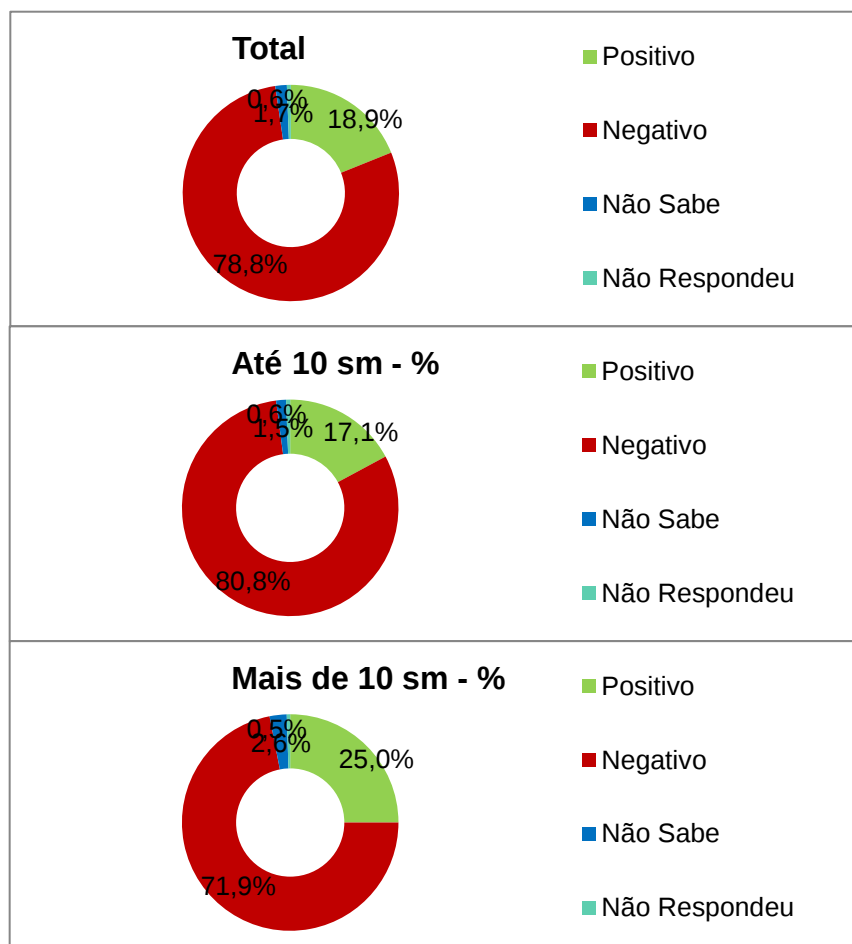
Assim, a média de crescimento mensal foi de 0,1% nesse período, a pior resultado dentre os componentes do ICF é a única negativa. Em julho, o componente



momento para duráveis avançou 2,6% diante do mês anterior, desacelerando o movimento de alta em relação ao mês de junho, quando cresceu 8,2%.

No comparativo anual, o índice retrocedeu 20,2%, quinto resultado negativo seguido. Importante notar que em termo absoluto, o momento para duráveis situa-se abaixo dos 100 pontos por 67 meses seguidos (desde dezembro de 2016), o que indica a persistência do patamar negativo mesmo antes da pandemia.

Em julho o índice foi de 40,11 pontos. Esse nível é considerado ainda muito preocupante em termos absolutos, mas as medidas físicas de redução do imposto industrializado para bens duráveis em até 25% iniciada em fevereiro por meio do Decreto nº 10.979, de 25 de fevereiro de 2022 e ampliadas para reduções de 35%, conforme o Decreto nº 11.055, de 28 de abril de 2022 pode estar provocando mudanças na confiança dos consumidores e incentivando a retomada observadas nos três últimos meses.



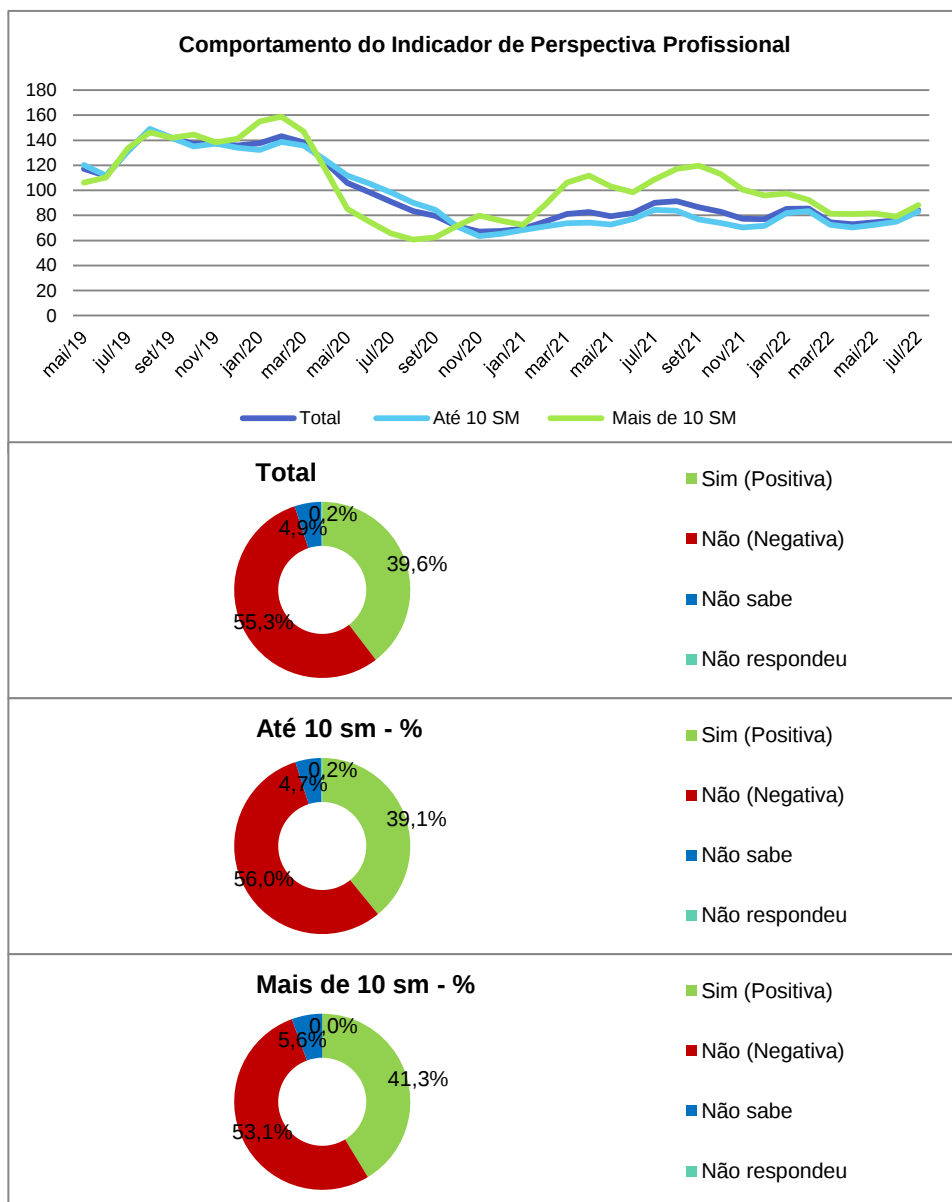
A parcela de consumidores que acreditam ser um momento negativo para compras deste tipo de produto atingiu 78,8%, queda de 0,9 p.p. em relação ao mês anterior (79,7%). A proporção dos consumidores que acreditam ser um momento positivo para essas compras alcançou 18,9%, resultado equivalente ao do mês anterior. O elevado patamar pessimista reflete a maior restrição no acesso ao crédito observada na prática e a elevação dos juros de mercado comparado ao ano anterior, assim, como é uma reação por parte dos consumidores frente ao cenário de incerteza futura em relação ao controle da inflação, que o leva a adotar uma postura conservadora no consumo, evitando realizar gastos mais vultosos e o possível comprometimento da renda.

Na comparação com o grupo de renda, o nível pessimista em termos de pontos alcança as duas faixas de rendas, entretanto o impacto negativo é mais elevado para as famílias com menor renda. O índice para as famílias com renda acima de 10 salários mínimos encerrou o mês em 53,1 pontos, alta de 3,0% na passagem do mês, terceiro movimento de crescimento consecutivo.

Já as famílias com renda abaixo de 10 salários mínimos, apresentou alta de 2,5% na passagem do mês, segunda elevação seguida. O índice em valores absolutos para o grupo de renda menor alcançou 36,4 pontos no mês..

PERSPECTIVAS: PROFISSIONAL E CONSUMO

A perspectiva de consumo, após interromper movimento de queda no mês anterior, acelerou o movimento de crescimento, ao crescer 12,6% frente ao mês anterior, antes alta de 2,6% em junho. No comparativo anual, o ritmo da recuperação é forte, ao crescer 24,1%. Além disso, a trajetória positiva na comparação anual é mantida por oito meses seguidos. Entre janeiro e julho, a média mensal de variação é positiva (2,1%), assim, as perspectivas de consumo em patamar



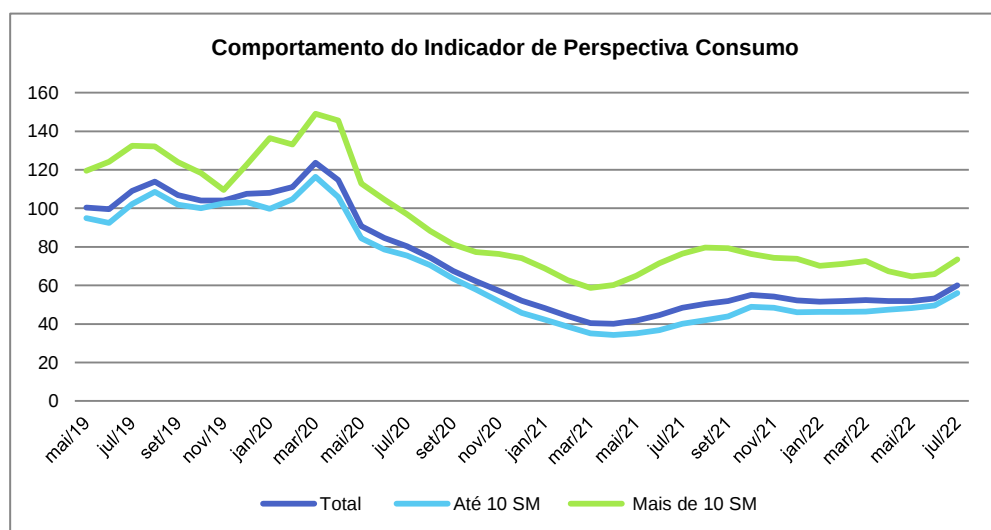
positivo são essenciais para minimizar ou evitar quedas maiores do ICF e, ainda, possibilita que o consumo atual mantenha o crescimento caso essas expectativas sejam concretizadas.

Ainda que o movimento seja de recuperação, as famílias permanecem com nível de confiança sobre o consumo futuro negativo ao considerar o índice

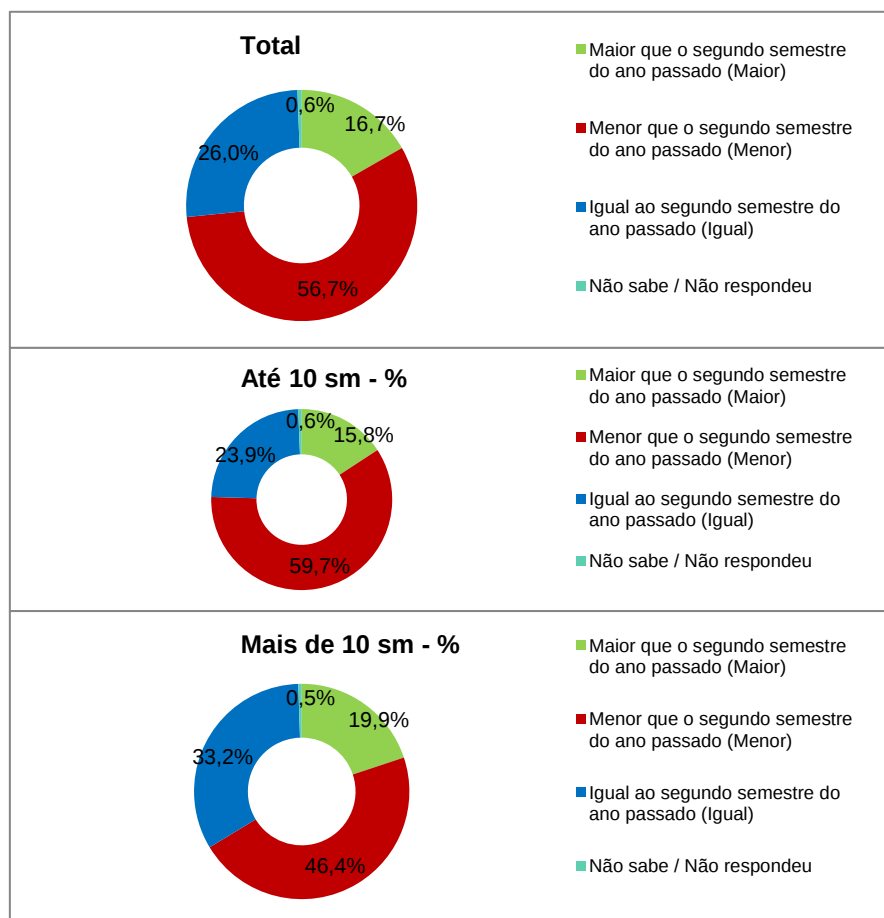
em termos absolutos, ao situar-se em 60,0 pontos. Outro ponto de destaque é que o nível do indicador ainda apresenta riscos futuro, pois a movimento pessimista pode persistir por diversos meses, como foi observado durante a crise de 2016, quando chegou a atingir o fundo de apenas 35,9 pontos em junho de 2016 após um pico de 121,1 em novembro de 2014. Além disso, o índice está 46,0% menor que o período pré-pandemia, resultado que mostra que os impactos e as incertezas persistem.

Para 56,7% dos entrevistados as expectativas de consumo para os três meses seguintes são menores, queda de 4,6 p.p. diante do mês anterior (61,3%). Com relação às faixas de rendas, a expectativa de consumo também é negativa para o grupo acima de 10 SM, mas os cenários são agravados para o grupo com até 10 SM, onde 59,7% das famílias têm previsão de consumo menor, enquanto 46,4% com renda maior afirmaram essa condição. Ao analisar a tendência de variação mensal, ambos os grupos de renda avançaram diante do mês anterior, alta de 13,0% e 11,6%, respectivamente.

O indicador de **perspectiva profissional** alcançou o terceiro melhor desempenho dentre os componentes do ICF em julho, ao crescer 10,9%, ritmo mais forte que o apresentado no mês anterior, quando houve alta de 1,9%. Com o resultado, a variação mensal média durante o ano de 2022 passou de estável no mês anterior para alta média de 1,6%.



De todo modo, a retomada da confiança nas perspectivas profissionais é lenta e gradativa, por isso, o índice permanece inferior ao período pré-crise em 41,2%. Na comparação anual, houve taxa negativa, redução de 6,3% frente a igual mês do ano anterior. Portanto, a perspectiva profissional permanece em nível de percepção pessimista, ao situar-se em 84,3 pontos.



A maior parcela das famílias (55,3%) demonstrou uma perspectiva profissional negativa em julho de 2022, queda de 6,0 p.p. frente ao mês anterior. São 39,6% que acreditam em perspectivas profissionais positivas no mês, alta de 4,1p.p. diante do período anterior.

Em relação às faixas de renda, a perspectiva profissional das famílias com renda acima de 10 SM foi muito mais duramente impactada no início da crise da pandemia, sendo o único indicador em que tal faixa ficou em patamar (60,7 pontos, ago/2020) inferior às faixas de renda familiar abaixo de 10 salários mínimos (90,1 pontos, ago/2020). No mês, essa condição já foi revertida, além disso o índice reverteu movimento de queda, ao crescer 11,6% na passagem do mês. Ainda, o índice permanece superior a faixa de renda menor em níveis absolutos, ao situar-se em 88,3 pontos.

Já com relação à faixa de renda até 10 SM, as perspectivas profissionais continuam abaixo dos 100 pontos, mostrando tendência pessimista em relação à expectativa profissional, ao situar-se em 83,1 pontos. Ainda, o índice apresentou tendência de elevação durante os três últimos meses, com alta de 10,7% diante do mês. Nessa faixa de renda menor, 56,0% dos entrevistados afirmam ter expectativa negativa para a profissão, enquanto na faixa maior, 53,1% indicam essa condição.

METODOLOGIA

Foram entrevistados na primeira semana do mês consumidores em potencial, residentes no Município de Florianópolis, com idade superior a 18 anos.

Para fixar a precisão do tamanho da amostra, admitiu-se que 95% das estimativas poderiam diferir do valor populacional desconhecido “p” por, no máximo 3,5%, isto é, o valor absoluto “d” (erro amostral) assumiria, no máximo, valor igual a 0,035 sob o nível de confiança de 95%, para uma população constituída de consumidores em potencial.

Preferiu-se adotar o valor antecipado para “p” igual a 0,50 com o objetivo de maximizar a variância populacional, obtendo-se maior aproximação para o valor da característica na população. Em outras palavras, fixou-se um maior tamanho da amostra para a precisão fixada.

Assim, o número mínimo de consumidores a serem entrevistados foi de 500, ou seja, com uma amostra de, no mínimo, 500 consumidores esperou-se que 95% dos intervalos de confiança estimados, com semiamplicitude máxima igual a 0,035, contivessem as verdadeiras frequências.